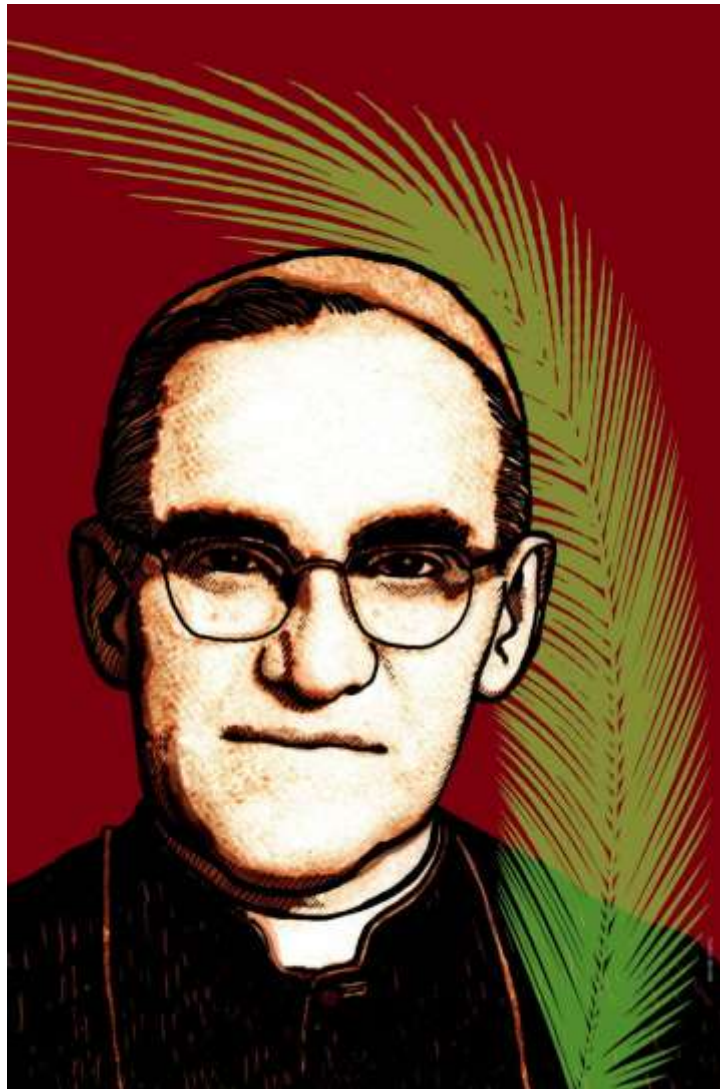


Irmãs Missionárias da Consolata / Missionários da Consolata

PROTETOR PARA O ANO 2018



BEATO ÓSCAR ROMERO
ENVIADO DE DEUS PARA O SEU POVO!

“Com Mons. Óscar Romero Deus passou por S. Salvador. Foi um enviado de Deus para salvar o seu povo!” (Jon Sobrino).

“Com o apóstolo João, nós acreditamos que Jesus é a Palavra de Vida e que, onde existe vida, Deus manifesta-se a nós. Onde o pobre começa a viver, onde o pobre começa a libertar-se, onde os homens são capazes de se sentar à volta de uma mesa comum para partilhar aquilo que têm, lá está presente o Deus da Vida” (Mons. Óscar Romero).

Introdução

Mons. Romero tornou-se o símbolo de quem oferece a vida pela justiça, pelo amor aos pobres e aos oprimidos. A sua morte violenta, abriu a estrada ao martírio em nome da justiça, em favor das pessoas à imagem de Cristo.

Por isso propomo-lo como o nosso Protetor para o ano de 2018!

Neste ano novo, queremos colocar-nos nos trilhos e caminhos que conduzem à santidade, testemunhando o Evangelho com a nossa vida e acompanhados por Monsenhor Óscar Romero como um verdadeiro discípulo de Jesus.

Queremos oferecer a todos a beleza de sermos cristãos e de poder anunciar o Reino na justiça e na paz.

Queremos dedicar-nos aos pobres, convencidos que a pobreza e o sofrimento não são somente uma coisa a eliminar, mas uma realidade da qual carregamos o peso como Jesus no Evangelho.

Queremos deixar que a inculturação na realidade do povo que nos acolhe, nos ajude a mergulharmo-nos em Cristo, num processo de purificação e de transformação evangélica, seja como pessoas e como família!

Monsenhor Óscar Romero

Óscar Arnulfo Romero, arcebispo de S. Salvador, capital de El Salvador na América Central, foi assassinado na segunda-feira, dia 24 de março de 1980 às 18 horas e 25 minutos, durante a celebração da Eucaristia, enquanto dava início ao ofertório. Um cruel assassino disparou-lhe um tiro mortal, dentro da capela “do hospitalito”, o Hospital da Divina Providência na periferia noroeste de S. Salvador. “O hospitalito” é um hospital para doentes terminais de cancro, fundado e mantido pela Congregação das Irmãs Carmelitanas Missionárias de Santa Teresa. Romero residia neste hospital. Tratou-se de um crime anunciado: um mês antes, no dia 24 de fevereiro de 1980, o Arcebispo tinha declarado publicamente que era alvo de ameaças de morte. Era uma personalidade notável a nível mundial. Tinha recebido o doutoramento honoris causa da universidade católica de Washington, a Georgetown University, no dia 14 de fevereiro de 1978, e a licenciatura honoris causa da Universidade de Lovanio na Bélgica, no dia 2 de fevereiro de 1980, cinquenta dias antes que o matassem.

Era Arcebispo de S. Salvador há três anos, desde fevereiro de 1977. Tinha sido consagrado bispo no dia 21 de junho de 1970 em S. Salvador. Primeiramente, foi bispo auxiliar de S. Salvador, em seguida, desde outubro de 1974 foi bispo da diocese de Santiago de Maria, confinante com a arquidiocese de S. Salvador.

O início do seu ministério de Arcebispo em S. Salvador, tinha sido manchado de sangue pelas trágicas circunstâncias de morte, levadas a cabo pelos corpos especiais da segurança. Além disso, mataram personalidades de relevo do clero de S. Salvador: o jesuíta padre Rutilio Grande, no dia 12 de março de 1977, juntamente com um rapaz e um idoso em Aguilares, e o sacerdote diocesano Óscar Navarro Oviedo, no dia 11 de maio de 1977 na

periferia de S. Salvador. Eram os opositores de uma Igreja que alinhava pela defesa dos direitos humanos. Pensavam que monsenhor Romero, no início do seu serviço pastoral, faria “limpeza” entre o clero, afastando aqueles sacerdotes que trabalhavam ativamente na pastoral para dar uma consciência social e civil em particular aos camponeses, pertencentes à maioria da população oprimida e quase sem direitos. De facto, monsenhor Romero tinha seguido até então uma linha prudente e tradicional. Mas perante aqueles bárbaros homicidas, como ele mesmo disse, “*converteu-se*”. Reagiu prontamente, assegurando a defesa aos exponentes do clero e às pessoas ameaçadas, unindo sacerdotes e religiosos das arquidioceses à sua volta, num estado de Igreja perseguida e missionária, porque anuncia o Evangelho:

“Apelámo-nos à unidade de todos os católicos e procurámo-la vivamente. Porém, não podemos pôr como preço desta unidade, o facto de deixarmos de cumprir a nossa missão. Lembramos que aquilo que nos divide não é o modo de agir da Igreja, mas o pecado do mundo e da nossa sociedade” (Óscar Romero, carta pastoral, 06 de agosto de 1977).

A fidelidade à missão, o sacrificar a própria vida pelos irmãos, fez reservar ao Arcebispo o mesmo fim dos sacerdotes mortos.

Óscar Romero nasceu no dia 15 de agosto de 1917 na Cidade Barrios no Oriente de El Salvador, na diocese de S. Miguel, numa família de modestas condições. Ingressou no seminário com apenas 13 anos de idade. Foi ordenado sacerdote em Roma, como aluno do Colégio Pio Latino Americano, no dia 4 de abril de 1942, com vinte e quatro anos de idade. Durante vinte e três anos, desde 1944 até 1967, exerceu o ministério sacerdotal na diocese de S. Miguel, cobrindo simultaneamente, vários encargos: secretário do Bispo, pároco da paróquia de S. Domingos em S. Miguel, reitor da igreja de S. Francisco onde era promotor da devoção a Nossa senhora, Rainha da Paz, que ali se venerava, diretor do jornal diocesano El Chaparrastique, assistente espiritual da Ação Católica, assim como de muitas outras associações de fiéis, promotor da obra para a conclusão dos trabalhos da catedral, diretor do seminário menor e assim por diante. Na sua diocese de origem, desenvolveu um trabalho extraordinário, exato e constante. Distinguiu-se pela fidelidade ao magistério e ao Papa. O Papa, que nessa altura ele admirava profundamente, era o Pio XI, do qual lembrava a frase forte: «Enquanto eu for Papa, a Igreja nunca sofrerá humilhações!». Era fiel à teologia segura, consolidada pela tradição, por tal motivo, geralmente tomava posições firmes, em contraste com outros sacerdotes que pensavam doutra maneira, sobretudo no que diz respeito à aplicação do Concílio Vaticano II. A exigência de “*sentire cum ecclesia*” da espiritualidade inaciana, que significava fidelidade indiscutível ao magistério, estava profundamente radicada no seu espírito. Foi mesmo a fidelidade ao “*sentire cum ecclesia*” que acompanhou progressivamente o Arcebispo de S. Salvador na evangelização duma terra onde reinava a injustiça, na decisão de estar ao lado dos pobres nas suas justas reivindicações.

Em setembro de 1967, o sacerdote Romero recebeu o encargo de Secretário da Conferência episcopal de El Salvador (Cedes), para o qual deixou a diocese de S. Miguel e transferiu-se para S. Salvador, a capital; em maio de 1968 recebeu também o encargo de Secretário da

SEDAC, o Secretariado Episcopal para a América Central; no dia 21 de junho de 1970 chegou a sua nomeação a Bispo, como auxiliar do arcebispo de S. Salvador Chávez y González.

Num primeiro momento, como sacerdote e ainda como jovem bispo, não considerava necessária a aplicação do Concílio Vaticano II no contexto da América Latina, sobretudo como tinha sido atuada na Conferência dos bispos da América Latina, celebrada em Medellín, na Colômbia. Mas logo a seguir, como bispo da diocese de Santiago de Maria, tornou-se animador de uma pastoral que se confrontava com a realidade social da Igreja que lhe tinha sido confiada, respondendo ao *«trágico e culpável estado de privação dos direitos humanos e sociais e, pode-se dizer, de dignidade jurídica, na qual vivia a imensa maioria da população de El Salvador e, sobretudo, os camponeses»* (J. Delgado, biografia de Óscar Romero, pág.123). Como pastor, o bispo Romero, confrontou-se com a realidade da população da Igreja que servia. Tornaram-se importantes para ele, as referências ao Concílio Vaticano II, para o ensino social da Igreja, à Ecclesiam Suam, a primeira encíclica de Paulo VI de 6 de agosto de 1964 sobre o mandato da Igreja no mundo contemporâneo, por conseguinte, os documentos de Medellín. Todavia, a sua posição ainda não estava na linha de uma identificação com o povo mártir e da denúncia forte e corajosa da violência da ditadura militar e da guerrilha marxista, como veio a acontecer após a sua conversão. Em particular acusava de maneira clara e evangélica, nas suas homilias, transmitidas também através da emissora Radiofónica, a ditadura militar, de ser a maior responsável pelos sofrimentos daquele povo. Na primeira parte das suas homilias, comentava as leituras e na segunda parte enumerava as violações dos direitos humanos, com denúncias circunstanciadas, em conformidade com nomes, lugares e datas, seja das vítimas, seja dos seus executores. A partir daí, começou a nascer o ódio contra ele, que levou depois à sua eliminação, assassinando-o.

A nítida consciência, determinada, escrupulosa, e o sentido da responsabilidade, entendido como o dever do pastor em responder a Quem lhe confiou o rebanho, nele muito forte, apresentam-se como o movente interior de um homem, um pastor, que se mete na presença de Deus e age de consequência.

Mons. Romero foi um homem persistente na busca contínua daquilo que é o bem, da via justa, e, por isso colaborou e deixou-se aconselhar por sacerdotes e leigos. O seu percurso de busca, está documentado nos seus próprios escritos. Especialmente as suas quatro cartas pastorais de Arcebispo de S. Salvador, são a expressão mais alta e frutuosa da sua teologia: *A Igreja da Páscoa, de 10 de abril 1977; A Igreja corpo de Cristo na história, de 6 de agosto de 1977; A Igreja e as organizações políticas populares, de 6 de agosto de 1978, escrita juntamente com o Bispo mons. Rivera e Damas da diocese de Santiago de Maria; A missão da Igreja na crise do País, de 6 de agosto de 1979*. Sublime foi a sua última homília, de domingo 23 de março de 1980, onde tocou os temas mais importantes e na base da sua mensagem estavam: a justiça social, a cooperação com o mal e o pecado, a objeção de consciência perante o mal, o papel dos leigos, as organizações populares, a missão da Igreja e a sua unidade, os pobres, a caridade e a justiça. Romero bebia do Evangelho para afirmar as suas convicções e estavam na base das suas escolhas, daquilo que ensinava, da sua espiritualidade, da sua coragem até dar a própria vida.

O bispo Romero fala da Igreja Corpo de Cristo, que está presente na história ao serviço do mundo: «*A Igreja está no mundo para os homens*». A Igreja, através dos seus pastores, faz-se voz dos seus membros mais fracos e daqueles que sofrem, é «*voz de quem não tem voz*»; por isso deve ter uma visão e uma ação salvadora. «*Faz mal a Cristo quem faz mal aos cristãos*» diz mons. Romero na segunda carta pastoral de agosto de 1977. Como consequência lógica sacrificou a vida pelos irmãos.

Um Santo!

Constatamos algumas características do empenho e da santidade de Óscar Romero que aqui e agora, se tornam reflexão, partilha e empenho de vida para nós.

A conversão. Na melhor tradição das igrejas cristãs, Romero, homem sempre bom e justo, com setenta anos de idade, enfrentou uma mudança radical, uma conversão. A causa principal disso foi o encontro com os pobres, primeiro como Bispo em Santiago de Maria e definitivamente em S. Salvador. No dia 12 de março de 1977, perante o cadáver de Rutilio Grande e dos camponeses, a sua vida mudou para sempre. As inumeráveis vítimas, os pobres e os oprimidos, conduziram-no a uma nova e definitiva existência. Neles encontrou a “pequenez” que coincidia com “o abaixamento” de Deus, e nisto, nunca fez marcha atrás.

Os sacerdotes que ele considerava “de esquerda” e “de Medellin” apoiaram-no sem reservas e sem imposição de condições, enquanto aqueles que tinham estado com ele, como Bispo moderado e de maneira nenhuma empenhado na política, deixaram-no sozinho. Todavia, como consequência do novo caminho, formou-se à volta dele um grupo de colaboradores e apoiantes constituído por pessoas, na sua maioria, pobres, mas também sacerdotes e leigos, vários profissionais e universitários da classe média.

A compaixão contra a injustiça. As portas do seu gabinete no arcebispado e no pequeno asilo de cuidados paliativos estiveram sempre abertas para ouvir e acolher o pobre. Viveu em profundidade, a humilhação que unia à compaixão: «A minha tarefa é ir recolhendo abusos e cadáveres», disse em Aguilares.

A denúncia contra a mentira. É importante salientar a forma das suas denúncias, particularmente nas homilias, dado que não há comparações possíveis. Todos os domingos, sem exceções, falava das violações do direito que se tinham verificado durante a semana, pelo menos aquelas das quais tinha notícia. Lembrava-se dos nomes das vítimas, do lugar e das circunstâncias, a situação na qual se encontravam os familiares. E, mencionava sempre os culpados, mesmo das organizações populares quando era o caso, na maior parte, mesmo os membros do exército, dos corpos de segurança e dos esquadrões da morte. E exortava-os: «*Em nome de Deus e em nome deste povo que sofre, cujos lamentos chegam ao céu, cada dia sempre mais fortes, peço-vos, por favor e ordeno-vos em nome de Deus: parem com a repressão!*».

A denúncia contra a idolatria da riqueza. Condenou a riqueza, e por isso é que o mataram. «*Mata-se quem é de impedimento*», tinha dito. Foi de obstáculo mencionando a injustiça do dinheiro e da riqueza que indicou como idolatria. E denunciou muitas outras idolatrias,

sobretudo aquela da segurança nacional. Condenou também os meios de comunicação: «Hoje, já ninguém acredita em mais nada». E denunciou também a Suprema Corte de justiça: «Grande parte dos problemas da nossa pátria, têm ali a sua razão principal, no Presidente e em todos os colaboradores da Suprema Corte de Justiça, que com mais força deveriam pedir contas às câmaras, a quem é julgado, aos juizes, a todos os administradores desta sacrossanta palavra: a justiça, que sejam verdadeiramente operadores de justiça».

Homem de Deus. Fiel a Puebla, Romero antes de tudo condenou as mortes violentas e falou do Deus de Jesus, o Deus real, o Deus da sua vida e o Deus da história. Falou de Deus e falou com Deus. Conhece-se a sua oração sincera: «Até ao momento em que não tiver encontrado Deus, ninguém se conhece... o que eu daria, queridos irmãos, para que o fruto desta hodierna pregação fosse que cada um de nós se encontrasse com Deus e que vivêssemos assim na alegria da sua majestade e da nossa pequenez».

Pobre entre os pobres do seu povo. Romero amou e defendeu os pobres. Sempre. Corria os mesmos perigos deles e afirmava-o: «Nunca abandonarei este povo». Denunciava os seus inimigos, nem que fosse o Presidente e os Generais do seu país, e mesmo o Presidente americano Carter, a quem proibiu que enviasse armas. Defendeu os pobres e arriscou tudo por eles, como fazem só os verdadeiros amigos. E dizia, sem nenhuma vergonha, aquilo que sentia por eles: «Com este povo não é difícil ser um bom pastor». O povo, os seus pobres, amaram-no como raramente se ama um personagem, um bispo. Imploraram-no como se implora unicamente um pai. Hoje, trinta e três anos depois, muitos continuam a querer-lhe bem verdadeiramente. Em El Salvador queremos-lhe bem de maneira diferente de como queremos bem a outros santos populares já canonizados. Querem-lhe bem e lembram-se dele de maneira especial os que sobreviveram aos massacres, as esposas e as mães de esposos e filhos assassinados e desaparecidos, familiares das vítimas de quem ninguém detém memória. E sem saber exatamente o que é que significa "canonização", "culto público", "intercessão", alegramo-nos que o Papa proclame o seu nome solenemente e que diga ao mundo inteiro que Óscar Romero foi um homem bom e que hoje é santo. Estão felizes, e, isto não é com certeza uma pequena expressão da canonização.

Padre da Igreja latino-americana e universal. Em Salvador, os pobres e as pessoas de boa vontade «nunca tinham sentido Deus assim tão próximo, o Espírito assim operante, o cristianismo assim verdadeiro, assim cheio de significado, assim cheio de graça e de verdade» (J. Ellacuria, Mons. Romero, 830).

D. Pedro Casaldáliga falou assim em nome de muitos: «A América Latina já te colocou na sua glória do Bernini... S. Romero da América, pastor e nosso mártir: ninguém fará calar a tua última homília!». Em monsenhor Óscar Romero, viram a passagem do Deus de Jesus de Nazaré.

Conclusão

Para compreender quanto sabor de Evangelho existiu desde sempre nas palavras deste santo Bispo salvadorenho, terminámos com três testemunhos importantes: o primeiro é uma parte do discurso pronunciado por Romero na universidade de Lovanio, antes que

fosse distinguido com o doutoramento honoris causa, o segundo é o testemunho de um pobre “senhor mendigo” amigo muito agradecido a Óscar Romero; o terceiro é um escrito de Romero um mês antes da sua morte:

"A esperança que anunciamos aos pobres, é anunciada para lhes restituir a dignidade e para os encorajar, de maneira que sejam eles mesmos os autores do próprio destino. Numa palavra, a Igreja não só se pôs da parte do pobre, mas faz dele o destinatário da sua missão, porque como diz Puebla, Deus toma conta das defesas deles e ama-os... As maiorias pobres do nosso país são oprimidas e reprimidas quotidianamente pelas estruturas económicas e políticas. Na nossa terra continuam a ser verdadeiras as terríveis palavras dos profetas de Israel. Existem entre nós aqueles que vendem o justo por uma moeda e o pobre por um par de sandálias; aqueles que acumulam violência e saqueiam nos seus Palácios; aqueles que oprimem os pobres; aqueles que acumulam casa sobre casa, e acrescentam campo a campo até ocupar todo o terreno... Estes textos dos profetas Amós e Isaías, não são vozes longínquas de há muitos séculos atrás... São realidades quotidianas, cuja intensa credibilidade vivemos no dia a dia. Vivemo-las, quando vêm até nós mães e esposas de prisioneiros e de desaparecidos, quando aparecem cadáveres desfigurados em cemitérios clandestinos, quando matam quem luta pela justiça e pela paz!". (Mons. Óscar Romero)

"Numa manhã de inverno, um senhor mendigo estava a limpar a campa de Romero, utilizando os próprios panos. Depois que terminou, sorriu satisfeito. Aproximei-me e perguntei: «O que é que o Sr. está a fazer?». E ele respondeu-me: «Faço isto: limpo a campa de Monsenhor, porque era para mim como um pai». «Como?». «Eu não sou outra coisa a não ser um pobre. Por vezes passo pelo mercado com um carro, outras vezes peço a esmola e gasto-a toda em licores e álcool e elimino a ressaca deitado no meio da rua ... Todavia, levanto-me sempre com coragem para recomeçar. Tive um pai que me fez sentir uma pessoa humana. Porque todos aqueles que eram como eu, eram os que ele amava e não lhe metiam nojo. Falava connosco, tocava-nos, fazia-nos perguntas. Tinha confiança em nós. Gostava de ver o prazer que tudo isto provocava em mim. Como fazem os pais. Por isso limpo e asseio a sua campa. Ou seja, como fazem os filhos!"

"Ponho debaixo da providência amorosa do Coração de Jesus toda a minha vida e aceito com fé nele a minha morte, por quanto difícil possa ser. Nem quero dar-lhe uma intenção, como o desejaria, pela paz do meu país e pelo florescer da nossa Igreja... porque o Coração de Cristo saberá dar-lhe o fim que Ele quiser. Para ser feliz e confiante basta-me saber com segurança que n'Ele estão a minha vida e a minha morte, que malgrado os meus pecados ponho a minha confiança n'Ele e nunca ficarei desiludido e outros continuarão com maior sabedoria e santidade os trabalhos da Igreja e da Pátria".

Podemos considerar estas palavras, escritas um mês antes de ser assassinado, como o testamento espiritual de monsenhor Romero.

Bom caminho na companhia do Beato Bispo Óscar Romero!

Coragem e avanti in Domino!

PARA REFLEXÃO E ORAÇÃO

A PALAVRA

S. Mateus 5,12-16

“Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se corromper, com que se há de salgar? Não serve para mais nada, senão para ser lançado fora e ser pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte; nem se acende a candeia para a colocar debaixo do alqueire, mas sim em cima do candelabro, e assim alumia a todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, de modo que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai, que está no Céu”.

As últimas palavras de Mons. Óscar Arnulfo Romero

“Neste cálice
o vinho transforma-se em sangue
que foi o preço da salvação.

Possa este sacrifício de Cristo
Dar-nos a coragem
Para oferecer o nosso sangue
Pela justiça e pela paz do nosso povo.

Este momento de oração
Encontra-nos firmemente unidos
na fé e na esperança...”

Oração ao ofertório da missa. Depois um tiro de pistola: eram as 18 horas e 25 minutos do dia 24 de março de 1980.

Perguntas para a reflexão pessoal e comunitária

1. Quais são os sinais dos tempos em que como Igreja e Instituto, somos chamados a dar uma resposta?
2. Como deveremos viver hoje a opção pelos pobres no nosso quotidiano?
3. Não é suficiente lembrar Monsenhor Romero, é necessário confrontarmo-nos com a sua experiência para nos perguntarmos como é possível seguir as suas pegadas. O que é que significa, hoje, segui-lo? E como fazê-lo? O que é que diz hoje, Mons. Romero ao nosso Instituto, às nossas comunidades? A sua vida? A sua morte?
4. Quais experiências positivas de Igreja “atenta aos pobres” e empenhada na justiça e na paz conhecemos e realizamos?
5. Quais conversões somos chamados a atuar à luz do Evangelho: quais modos de pensar, atitudes a amadurecer, comportamentos a assumir?

ORAÇÃO

Nós te invocamos, bispo dos pobres, intrépido defensor da justiça, mártir da paz: obtém para nós do Senhor o dom de colocar a Sua Palavra em primeiro lugar e ajuda-nos a intuir-lhe a radicalidade e a apoiar-lhe a potência, mesmo quando ela nos transcende.

Liberta-nos da tentação de a reduzir por medo de enfrentar os potentes, de a domesticar por sujeição a quem manda, de a rebaixar com medo que nos envolva.

Não permitas que nos nossos lábios a Palavra de Deus se contamine com a lixeira das ideologias. Mas, ajuda-nos, para que possamos encarná-la corajosamente na crónica, na pequena crónica pessoal e comunitária, e para que produza assim história de salvação.

Ajuda-nos a entender que os pobres são o lugar teológico onde Deus se manifesta e a sarça ardente e inconsumível da qual Ele nos fala.

Reza bispo Romero, para que a Igreja de Cristo, por amor deles, não se cale. Implora o Espírito para que derrame sobre eles tanta parrésia de maneira que lhe faça depor, finalmente, as subtilezas da linguagem calculada e lhes faça dizer com franqueza que a corrida às armas é imoral, que a produção e o comércio dos instrumentos de morte são um crime, que os escudos espaciais são um insulto à miséria dos povos exterminados pela fome, que a crescente militarização do território é o destorcimento mais bárbaro da vocação natural do ambiente.

Reza bispo Romero, porque Pedro que te quis tanto bem e que dois meses antes da tua morte te encorajou para que seguisses em frente, passe por todos os lugares da terra como peregrino da paz e continue audazmente a confirmar os irmãos na fé, na esperança, na caridade e na defesa dos direitos humanos lá onde eles são espezinhados.

Suplica bispo Romero, para que todos os Bispos da terra se façam propagadores da justiça e operadores de paz, e assumam a não violência como critério hermenêutico do seu empenho pastoral, bem sabendo que a segurança carnal e a prudência do espírito não são grandezas comensuráveis entre elas.

Reza bispo Romero, por todos os povos oprimidos pela dívida. Facilita, com a tua imploração junto de Deus, a remissão destes desumanos irmãos da escravidão. Torna dócil o coração dos faraós. Acelera os tempos em que uma nova ordem económica internacional liberte o mundo de todos aqueles que aspiram a ser Deus.

E por fim, bispo Romero, rogai por nós aqui presentes, para que o Senhor nos dê o privilégio de nos tornarmos próximos, como tu, de todos aqueles que fadigam em viver. E se o sofrimento pelo Reino nos lacerará a carne, faz com que as feridas, deixadas pelos pregos nas nossas mãos crucifixadas, sejam grelhas através das quais possamos contemplar desde agora os novos céus e as novas terras.

Oração por intercessão do Bem-aventurado Óscar Romero (oficial)

*Oh Deus, Pai de amor e de misericórdia,
nós vos louvamos pelo Bem-aventurado Óscar Romero,*

*pastor ao serviço dos pobres,
profeta defensor dos direitos humanos,
testemunha corajosa até ao martírio.*

*Dai-nos, por sua intercessão, a mesma coragem
na missão de anunciar sem medo
o vosso Reino de justiça e de paz.*

Amém